

LUCAS DANIEL TOMÁZ DE AQUINO

LÂMPADA DIURNA

Narrativas circulares

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

IMAGEM DA CAPA: i.pining.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T655l TOMÁZ, Lucas Daniel. –
Lâmpada diurna / Lucas Daniel Tomáz – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2020.
128 p.: 21 cm.

ISBN: 978-65-86139-05-1

1. Contos I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

QUANDO A SORTE LHE SORRI MAS FALTAM DENTES EM SUA BOCA

Uma ex-interna do hospital São Vicente de Paulo que ingeriu grandes quantidades de coquetéis para controle da aids fora visitar uma paciente da clínica psiquiátrica nas imediações de Taguatinga Centro, nas primeiras horas da manhã de um dia de agosto. Ao chegar ao pátio, no local específico, detectou o desaparecimento de seu maço de cigarros. Então, de súbito, trancou-se no banheiro, abriu sua mochila e insuflou cocaína no granito. Ao decorrer de quarenta minutos houve seu último sangramento nasal.

Meia hora depois, uma paciente do mesmo hospital encontrava-se recostada ou apenas agachada junto à parede que separava os jardins de uma rua tomada pela névoa de inverno, debruçando o queixo contra os joelhos, sentindo tremores de febre e vômitos intermitentes. Ela observava um dos funcionários da clínica que acendia um cigarro de marca *Hell's* e coçava o nariz com muita energia, utilizando quase toda a extensão de seu braço, enquanto sua face adormecia, seus olhos piscavam sem sono e sua língua azulava devagar.

O diagnóstico mais confiável aqui é que o funcionário da clínica, distraído com uma colônia de formigas, nunca percebera que uma boa porcentagem dos pacientes já havia morrido por ali.

DECURSO ALEATÓRIO

*No temor é a defesa,
Na queda, apoio
Na vitória, és coroa,
Na luta tu és o prémio*

HINO À CRUZ GLORIOSA – TALHADO EM MADEIRA
MONTELAVAR – SINTRA, PORTUGAL

Ninguém consegue dormir por aqui. Esta sensação me vem junto ao cheiro de carne queimada, exalado de corpos que se espalham pelo campo e pelo jardim, ardendo às narinas de modo quase ininteligível quando cruza os jardins e dá no meio dos bosques.

O odor de metal escorrido dos buracos, propagando-se para fora dos corpos, produzidos por armas, facas ou outros aparelhos de destruição, é assustador. A gasolina no ar, trazida por ventos noturnos, quase não é filtrada nos pelos nasais; é logo tragada como se fosse um cigarro. Vou explodir. É uma espécie de câmara de gás ao ar livre.

Abro caminho por entre entulhos e brinquedos. Há partículas calcinadas de loucos e doentes no que antes era um sanatório muito sujo onde passei boa parte da vida, a trabalho. É um desprezo retornar no tempo.

Tropeço em pescoços e esmago panturrilhas que perderam a solidez e encaro olhos sem vida que observam o mesmo turbilhão o qual me encontro agora.

O quintal se amplia sob a lâmpada dos meus olhos. Um pouco à frente do que seria adiante, contorço-me até o chão, dobrando a coluna, arremessando os braços contra o solo; minha sombra cobre com o negror aquilo que há diante do tempo em ruínas: um dos diversos corpos enfeitam o jardim, que antes era uma estreita calçada, arborizada (uma bela alameda, anterior à floresta), onde os doentes corriam atrás de cães, que corriam atrás de gatos, que corriam atrás de loucos que fugiam dos guardas.

A riqueza da noite impede-me de convergir à exatidão do corpo ideal, isto é, de onde enfio a faca desembainhada. Tenho uma dor no dente esquerdo. Nele, há uma ferida, um abismo que cruza a polpa. Na superfície, um desenho em formato de cruz. Eu já a vi no espelho. Nela, há um buraco onde a cruz está fincada está fincada.

Caminho entre restos de fezes de pessoas que morreram até encontrar uma lanterna de caça, disposta no leito de uma mulher leprosa que fora enterrada no quintal.

Ligo-a e escavo um dente de ouro na jovem que agora está em estado de putrefação e que morreu segurando um quadro enorme de uma velha descabelada. A adaga, obediente, pulveriza as gengivas (avermelhada, querendo azular). Arranco a saliência com teimosia e um pouco de orgulho na ponta da faca. Os olhos da mulher, muito branca e agora banguela, é uma bola vermelha purulenta, nada contemplativa.

Olho para a imagem no quadro: ele recorta uma mulher em idade não muito avançada, de pé, com a mão esquerda segurando um livro em cima de uma mesa, enquanto seu outro membro, completamente livre, despoja-se ao lado de uma ca-

deira, à frente de um suporte que mantém um vaso de flores muito púdicis.

Marcho entre rochas, gravetos, migalhas e dedos; vasculho itens que não me dizem respeito, mas que neste momento me parecem tão importantes. Há um pouco de sangue nisto que agora se torna um objeto que vai parar em meu bolso. O sangue no dente de ouro o faz quase parecer esverdeado, um ouropel.

Lembro-me agora do conceito de verdade, o conceito do ouro e do ouropel. A essência e a aparência. Se há alguma adequação entre a coisa e o nosso pensamento sobre esta coisa, então há uma verdade. O ouro só é ouro porque o é na essência. Se pensarmos que o ouropel é ouro, ele não o será porque faltará o que é nele a verdade. Faltará sua essência.

Esta analogia era dita a mim por um velho professor de filosofia. Ele repetia para nós naquele tempo: a verdade é a adequação entre o que é e o que parece ser, como o ouro e o falso ouro; um que reluz, e o outro que só aparenta ser. Essa é a adequação entre essência e aparência. E tudo no mundo é assim.

Do outro lado dos jardins, no pátio de onde estava a lavanderia, há um varal com roupas secas. Apanho uma das túnicas penduradas e retorno até a mulher que me deixou surrupiar seu dente de ouro, e cubro seu rosto como se pedisse desculpas pelo roubo ou como se quisesse me esconder da morta.

De nada, meu bem.

Seu uniforme não possui as cores do meu uniforme. Enfio a mão no bolso e sinto o gelo do quilate, saindo devagar sem roubar o quadro dela para mim.

Pareço cansado, sem dormir. Eu nunca me lembro dos meus sonhos. Sou o pesadelo de Freud. Mesmo no frio, meus cabelos grudam à testa num desenho sombrio, expressionista. Sinto-me como Cesare, como Caligari. As pontas dos fios espetam meus olhos, depois o vento joga-os para longe, pondo em xeque qualquer indício de calvície.

Deslizo a mão pela cabeça e caminho rápido, nas batidas ritmadas de uma veia exposta, cento e trinta BPM's latejando na têmpera. É um compasso de quatro tempos. Uma música eletroacústica, o tempo exato de um míssil.

Meu coturno vai abrindo caminho entre cabeças e cápsulas de munição. Há dezenas delas espalhadas pelo caos, e eu não pareço distinguir poeira e pólvora, vida e morte.

Não encontro ninguém vivo neste mausoléu a céu aberto; ao contrário, um bebê encontra a sola de minha bota e suas perninhas, mutiladas por sua mãe, quase me fazem escorregar. Onde este bebê adormeceu, nunca nascerá a flor da manhã. O fim desta noite.

Vivas, neste lugar, só umas formigas que, a passeio, amontoam-se festivas em sua colônia. Eu as observo com curiosidade, para justificar a mim mesmo que eu não vim até este lugar só para roubar pertences valiosos de doentes mentais sem o sopro de vida que os faziam viver em tormentos.

Tenho vontade de correr, pois lembro do sargento que gritava o nome dos comunistas que fuzilara durante a Ditadura, da jovem que tivera overdose no banheiro, e agora da jovem que morreu abraçada com o quadro da mãe, dos demonicídios que presenciei aqui e os outros personagens que ajudei a desconstruir suas histórias pessoais.

O luzeiro noturno parece não querer ir embora, ao contrário de mim. Caminho por todos os lados, mas não encontro ninguém. Todos estão mortos.

Corro. Corro mais rápido, gritando. Eu não queria gritar. O espaço é circular, sou capaz de mover me reencontrando novamente, como numa experiência física, cinemática. Tapo meus ouvidos com as mãos, as palmas suam nas orelhas, bem assim. Corro, berrando o mais forte que posso, porém não ouço mais a minha voz.

Conheço-me o bastante para nunca me perdoar.

POUCOS VITAIS

Dois amigos chegam a um badalado restaurante na cidade onde moram. Um deles se chama Paulo, o outro, Francis.

Sentam-se às mesas em pés Luís XV e cadeiras em estofado capitonê. Regalam-se ambos quando o *maître* vai embora e o *sommelier* traz os pedidos.

Um deles ri, mostrando um sorriso enquanto o outro reclama da demora do garçom. O que ri degusta o vinho e diz que seu amigo está exagerando e que, é bastante provável, o garçom terá muitos clientes a acompanhar antes de eles serem atendidos.

Quando o pedido de ambos chega à mesa, os dois amigos jantam sem trocar palavra, exceto quando o que havia reivindicado a respeito da demora no atendimento começa a reclamar da decoração em estilo provençal que permeia o lugar, e que tenta com descaramento lembrar o ambiente bucólico do interior da França, aquele de paredes de pedra rústica entre campos de lavanda que os camponeses de então usavam para imitar a corte imperial.

O outro amigo ri da cena exagerada de seu chapa e solicita que o colega se detenha à comida e dê um tempo, pois o lugar é ótimo, e, desta feita, ele retornará ao restaurante o mais breve possível para jantar novamente.

O que parece ter gostado de reclamar passa à grosseria de que a comida servida ali é horrível. Reclama com o garçom e com o gerente. Aproveita a ocasião para dizer ao *maître* que

o papel de parede e as cortinas em estampas *toile de jouy* do restaurante são definitivamente cafonas.

O que defende o garçom e o restaurante começa a falar de política.

Qual deles é o mais chato?

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em março de 2020.
